

Acaba de tombar a máscara "democrática" à maioria dos nossos oficiais da Armada e do Exército.

Durante algum tempo, enquanto a situação política de Cabo Verde não saía da capa torta, nós, as praças das F.A., não hesitamos em agitar o ambiente pois a generalidade dos oficiais nem com o 25 de Abril saíam do seu comodismo e surpresa; outros, continuaram a entender ser a repressão e o espírito de elite a melhor forma de defesa da (sua) democracia.

As nossas lutas, a nossa força, venceram toda a reacção e, correndo toda a espécie de riscos, soubemos conquistar alguns direitos e liberdades. Deve-se a essa força e ao apoio de alguns (poucos) oficiais verdadeiramente democratas o ligeiro aroma a 25 de Abril que aqui se vive.

Depois de havermos tomado uma nítida posição anticolonialista, depois de termos promovido amplas reuniões e debates entre soldados e marinheiros, surgiu o Movimento das Forças Armadas em Cabo Verde.

O M.F.A.C.V., gozando de certa originalidade já que tinha a participação de oficiais, sargentos e praças, sendo esta organização que com o nosso apoio — e porque integrava alguns oficiais a sério que empurraram os tremidos e reaccionários — definiu claramente perante o povo caboverdeano e o Governo Central a nossa disposição de concorrer para uma independência legítima ao reconhecer-se o P.A.I.G.C. como único representante deste povo.

Contudo, já então nos sendo fácil descobrir ~~que~~ sob a capa do M.F.A.C.V. se escondiam uns quantos oficiais ávidos de prestígio e gula de poder preparando as suas linhas e a distribuição dos louros que não lhes pertenciam. Dentro desse espírito arrivista utilizaram a tática de se irem servindo de nós, tolhendo-nos com tiradas bombásticas e actividade frenética, mas tendo o cuidado de reservar apenas a oficiais as decisões mais importantes. Utilizando essa montagem conseguiam manterem alinhados", no mesmo tempo que tudo decidiam nas nossas costas e com o nosso assentimento...

E não só: entre si, preparavam truques e ratociras para fazer cair aqueles oficiais que se mostrassem menos interessados em jogadas de "agrado" a Lisboa e que gozassem da estima e confiança das "bases" (ou "cepos com dois olhos", como nos classificou um oficial).

Os tempos mudaram-se e, a fraqueza que demonstrávamos nas Assembleias perante oficiais tão "brilhantes" transformou-se, ao ponto de conseguirmos liquidar as áreas reservadas a oficiais — por exemplo, o Secretariado do M.F.A.C.V. — e utilizar paulatinamente as armas e a "camaradagem" que as Assembleias nos proporcionavam.

Porém, aí, a oficialagem entrou em pânico: afinal a "carneirada" estava a ir longe demais. Ou seja: a máscara democrática caiu-lhes redondamente. Vá então de reunir-

-se apressadamente apenas oficiais, e decidir que a participação de sargentos e praças já não interessa.

Enquanto isso se desenrolava, crescia uma frente de oficiais "progressistas-reaccionários" no intuito de liquidarem um seu "camarada" (e quem mais gostariam de ver afastado?), precisamente um dos poucos oficiais que não entra em jogadas obscuras e que goza do nosso apoio. Para o efeito, essa frente serviu-se de todas as manobras, tentando convencer meio mundo que o oficial "incómodo" é um manipulador das nossas lutas. Pois é: segundo a oficialagem liberal-reaccionária os praças são incapazes de pensar por si — necessitam sempre de quem as "manipule".

A esses senhores temos a dizer que, pelo menos, sempre soubemos distinguir os oficiais verdadeiramente democratas e que servem efectivamente o "povo fardado" que somos nós, dos oficiais abrilescos que apenas se querem servir de nós em seu proveito.

Temos a dizer-vos que o oficial que pretendeis afastado tem mais valor para nós, que vós todos juntos.

Temos a dizer-vos que, enquanto a princípio tanto apregoastes a "unidade" (no tempo em que ela vos convinha), estais agora a atraiçoar a unidade que existia; e com isso arriscais-vos a não terdes mais em quem mandar.

Temos para vos dizer que se é assim que pensais defender o povo português; quando chegardes a Portugal sereis óptimos apoios da reacção

Senhores oficiais liberais-reaccionários: "não nos venham dizer depois que não vos avisámos".

Cidade de Mindelo, 1 de Dezembro de 1974.